

Por menor de um mapa da cidade de Nagasáqui do século xvii com a ilha artificial de Dejima. Pintura sobre rolo de papel. Biblioteca de Nagasáqui.



A Embaixada Mártir de Benjamim Videira Pires O Cristianismo e a sua Circunstância

CELINA VEIGA DE OLIVEIRA*



I. YO Y LA CIRCUNSTANCIA

No seu livro *Sobre la razón histórica*, o filósofo espanhol José Ortega y Gasset considera que cada pessoa é apenas um ingrediente da sua própria vida; o outro ingrediente é a *circunstância*, sendo um tão real como o outro.¹ A circunstância por vezes ganha uma dimensão avassaladora na vida do ser humano, controlando os lances do destino e o afazer ético da interioridade de cada um.

Esta asserção ganha relevo quando pensamos na personalidade de Benjamim Videira Pires, S. J., uma *Figura de Jade*, indissolavelmente ligada a Macau – educador, missionário, historiador e poeta –, e cujo primeiro centenário do nascimento se assinala este ano.²

Nasceu este jesuíta na vila bragançana de Torre de Dona Chama, a 30 de Outubro de 1916, em plena vigência da primeira República – um tempo político de forte anticlericalismo –, no seio de uma família profundamente católica. O pai fizera o curso

completo do seminário, “embora sem receber ordens canónicas, e a mãe fora educada em casa de um tio padre”.³ A oração era prática diária observada por todos os elementos da família. Neste ambiente de fervor religioso cresceu Benjamim Videira Pires, o quarto de sete irmãos.

Uma grave doença, contraída depois de ter terminado a primeira classe, “a caminhar para os 7 anos”, fê-lo prometer a S. Francisco Xavier, o ‘Apóstolo do Oriente’ que, “se o curasse, havia de ser missionário como ele”.⁴

A sua educação sacerdotal, tal como a vida, foi-se fazendo por vários caminhos: no seminário menor da Companhia de Jesus, em Cáceres, Espanha – devido à expulsão das congregações religiosas do país pela primeira República –, em Guimarães, depois do regresso dos jesuítas a Portugal em 1932, e em Alpendurada (Marco de Canavezes), “onde permaneceria os quatro anos de noviciado e juniorado, formando-se em espiritualidade e clássicas”.⁵ Completou a sua formação humanística e teológica na Faculdade de Filosofia de Braga e na Faculdade de Teologia de Cartuja, em Granada, sendo ordenado sacerdote em 1945.

Quatro anos depois chegava a Macau, conciliando, durante a sua vida no Extremo Oriente, os trabalhos eclesiásticos com o ensino, a investigação histórica e sinológica, o cultivo das letras e das humanidades, a reflexão filosófica, a poesia e o jornalismo político.⁶

* Licenciada em História pela Universidade de Coimbra e doutoranda em História pela Universidade Nova de Lisboa. Autora de várias obras sobre História de Macau. É vice-presidente da Comissão Asiática da Sociedade de Geografia.

Graduate in History from Coimbra University's Faculty of Arts, currently preparing her Ph.D. in History (Lisbon's Universidade Nova). Author of various monographs and essays about History of Macao. She is vice-president of the Asian Commission of the Geographical Society of Lisbon.

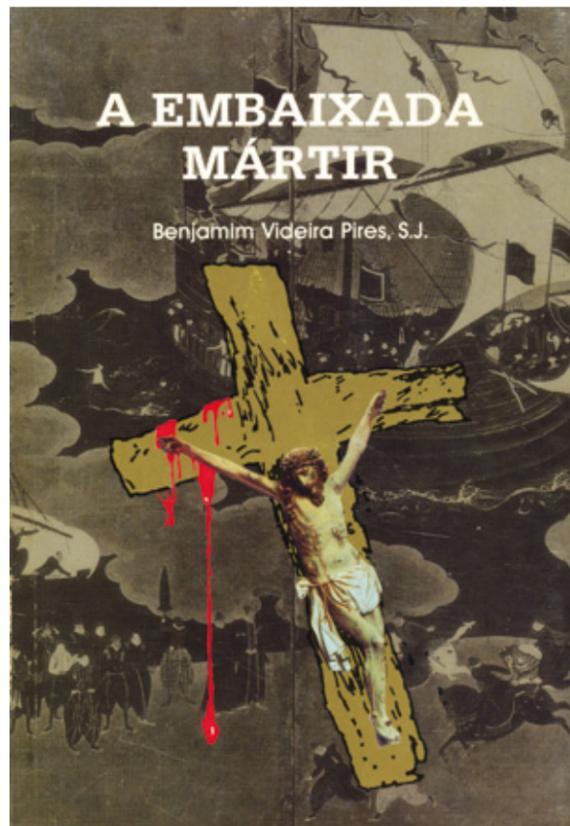
BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

Ao espaço ecuménico de Macau tinha chegado um cidadão com o espírito aberto e a avidez de saber e de compreender a mentalidade e a cultura orientais.

II. A EMBAIXADA MÁRTIR

Entre os muitos títulos do legado bibliográfico de Benjamim Videira Pires, conta-se *A Embaixada Mártir*, publicada pelo Instituto Cultural de Macau em 1988.⁷ Quase três décadas depois, mantém-se inalterada a nossa concordância quanto ao valor do seu conteúdo. Não sendo, porventura, a obra mais emblemática deste jesuíta, é aquela que, em nosso entender, reflecte com maior nitidez o ambiente cristão que modelou a sua personalidade e determinou o seu percurso de vida e a que melhor expressa a visão apologética que sempre teve sobre o legado dos portugueses no mundo.

Porquê este título? Porque *A Embaixada Mártir* é uma monografia histórica que relata as circunstâncias trágicas em que decorreu a morte de sessenta e um católicos que faziam parte da embaixada que o Senado



de Macau enviou ao Japão, em 1640, um ano depois do fecho dos seus portos aos barcos de Macau.

Dos vários capítulos do livro, destacam-se os seguintes: “Duas cidades irmãs”, “A quebra do comércio”, “A embaixada mártir”, “As treze testemunhas” e “O processo Informativo”.

DUAS CIDADES IRMÃS

Este capítulo começa por descrever os primórdios de Macau, a elevação da modesta povoação de pescadores a um porto de grande actividade comercial e o envolvimento da Companhia de Jesus na sua fundação, crescimento e conservação. Refere-se o importante papel cultural do Colégio de S. Paulo – “o maior Instituto Católico do Extremo Oriente” – que albergou, a partir de 1594, o seminário de Sto. Inácio, para japoneses, e o de S. Francisco, para portugueses, uma universidade, uma escola elementar, uma enfermaria com sua “botica”, uma escola de música e artes plásticas, a Procuratura do Japão, uma tipografia, uma livraria com mais de cinco mil volumes impressos, o arquivo da Província Jesuítica do Japão e a monumental igreja de Nossa Senhora da Assunção, mais conhecida por Igreja da Madre de Deus ou Igreja de São Paulo.⁸

Compara-se de seguida a similitude entre o percurso histórico de Macau e o de Nagasáqui. Iguamente uma pequena povoação de pescadores, foi graças ao comércio (com os Portugueses) que o porto nipónico se projectou para uma dimensão transnacional, iniciando-se, a partir de 1571, uma intensa troca de produtos entre as duas “cidades gémeas”.⁹

Mas já anteriormente se fizera sentir, naquele “magnífico ancoradouro natural de águas profundas”, a acção dos jesuítas, como a de Luís de Almeida, S. J., que, a partir de 1567, começou a baptizar “todos os homens honrados della com obra de quinhentos do povo”, atingindo o número de cristãos, escassos três anos depois, as 1500 pessoas.¹⁰

O sucesso da missão jesuítica é testemunhado pela doação à Companhia de Jesus, a título perpétuo, da povoação de Nagasáqui, pelo senhor de Omura (D. Bartolomeu) e seu filho Sancho, em 1580, e pelas conversões ao cristianismo.¹¹ Como consequência, iniciaram-se as perseguições e intensificaram-se os constrangimentos à sua acção devido, entre outros factores, à política de intrigas, junto da corte do xógum Toyotomi Hideyoshi, quer de espanhóis, vindos de Manila, que insinuavam que o objectivo dos

portugueses era a conquista territorial do Japão, quer de ingleses e, sobretudo, de holandeses.¹²

Este ‘triumvirato’ conspirativo abriu caminho para que o “holandês, o inimigo da Europa”, se assentasse, a partir de 1602, “à sombra da árvore que nós plantáramos e regáramos com heroísmo.”¹³

E assim, em 1614, foi publicado pelo xógum Tokugawa Ieyasu o édito de extermínio da Igreja católica, tomando o Estado nipónico posse formal das igrejas e de casas de cristãos. Sucederam-se os ‘martírios’ e a tenacidade de muitos cristãos japoneses, entre eles os *heimins*, camponeses, artífices e comerciantes, e os *dójos*, filhos de samurais, oligarquia dominante que controlava o aparelho político, económico e financeiro do império nipónico.¹⁴

A QUEBRA DO COMÉRCIO

Este capítulo refere as consequências, na vida dos comerciantes de Macau, das perseguições aos cristãos e aos missionários, “na sua maioria jesuítas.”¹⁵

Devido ao contrabando de padres nos barcos de Manila para Nagasáqui, saiu em 1623-1624 o primeiro decreto de expulsão de todos os varões portugueses residentes no Japão, embora fosse negada às suas mulheres e respectivas crianças a possibilidade de os acompanhar. Como reforço desta intimação, os mercadores estavam impedidos, não só de transportarem missionários nos seus barcos, como de prestarem auxílio financeiro a cristãos e a padres. Começava a apagar-se, no Império do Sol Nascente, a visão do Pe. António Vieira, na sua *História do Futuro*: “Se não houvesse mercadores que fossem buscar a umas e outras Índias os tesouros da terra, quem havia de passar lá os pregadores que levam os do Céu? Os pregadores levam o Evangelho, e o comércio leva os pregadores.”¹⁶

Após a expulsão dos espanhóis do arquipélago, em 1624, portugueses e holandeses, inimigos de longa data, ficaram isolados no terreno da disputa económica. Os holandeses ocuparam a ilha Formosa (Taiwan), no mesmo ano, com o objectivo de cortar “a linha vital Macau-Nagasáqui”.

Para além destas, a quebra de confiança entre japoneses e mercadores portugueses teve outras motivações. Entre elas, a questão da ‘respondência’, ou compra, sob fiança, da prata do Japão; a imprudência de alguns portugueses e missionários, desrespeitando a regra de proibição de auxílio a cristãos e a padres, o que

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM



Tokugawa Ieyasu (1541-1616).

criou a convicção de que, através dos mercadores, entrava dinheiro e protecção para a comunidade cristã; e a revolta de Ximabara – uma península a sudeste de Nagasáqui –, provocada pelo excessivo peso dos impostos, mas entendida pelas autoridades nipónicas como inspirada pelos cristãos portugueses.¹⁷ Esta revolta terminou em 1638 e, apesar de não se ter provado qualquer cumplicidade por parte dos Portugueses, o xógum

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

Tokugawa Iemitsu resolveu dar o golpe de misericórdia no comércio português, decretando o seu fim em 1639.¹⁸

A EMBAIXADA MÁRTIR

Regista-se, neste capítulo, a reacção do Senado de Macau a esta nefasta medida. Os membros da municipalidade, importantes mercadores, estavam convictos de que a sobrevivência da “cidade santa” exigia a continuidade das relações económicas com o arquipélago nipónico.

E por isso, o Conselho Geral do Senado determinou que se enviasse ao Japão uma “missão especial”, composta por 74 pessoas, e chefiada por quatro cidadãos ilustres de Macau, que saiu a 22 de Junho e chegou a Nagasáqui a 6 de Julho de 1640.¹⁹ Instados a explicar o objectivo da viagem, os chefes da missão afirmaram que se encontravam ali na qualidade de embaixadores, e não como comerciantes, pretendendo ter uma audiência com o xógum para explicarem de viva voz o propósito de renovação dos laços comerciais, já de muitos anos, que

ligavam Macau ao Japão. Mas Iemitsu, interpretando a viagem como um desrespeito à ordem por si emitida no ano anterior, recusou recebê-los e condenou-os à morte, reforçando a proibição comercial.²⁰

Silêncio pesado, estupefacção e incredulidade seguiram-se ao anúncio da sentença do xógum. Um dos intérpretes traduziu, para a comitiva de Macau, a explicação dada por uma autoridade de Nagasáqui: seriam mortos “puramente por serem cristãos, sem outra causa.”²¹

Para o poder imperial, impunha-se a divulgação da sentença, para transmitir a todos os estrangeiros a inflexibilidade do carácter nipónico.

Foi escolhido o marinheiro português Manuel Fernandes, que sabia “cartear e tomar o sol.”²² A este associaram-se mais doze elementos, no total de treze, que haveriam de levar o navio à Cidade, contar o que tinham presenciado, e informar que o xógum mandara executar aquela “justiça por serem cristãos e transgressores da ordem real.”²³

Gravura alusiva aos mártires da embaixada enviada por Macau em 1649, incluída em António Francisco Cardim, *Fasciculus et Iapponicis Floribus* (Roma, 1646).



BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

Aos condenados à morte, num total de 61, foi proposto, por três vezes, um último recurso: que a vida lhes seria salva se renegassem Cristo. Os ‘jurubaças’ (intérpretes) a todos perguntaram se queriam abjurar a fé, mas ninguém capitulou, respondendo, “com muita constancia q’ antes querião elles morrer e dar suas vidas pella fee de Christo que professão, que deixala.”²⁴ Aos escravos foi oferecida uma compensação adicional em dinheiro e prata. Um cafre, entusiasmado, afirmou, por isso, que “vida e prata juntamente é ponto digno de consideração”, mas um amigo alertou-o para o valor de uma acção extrema aos olhos de Deus, o que o fez reconsiderar e afirmar: “Morra o corpo e viva a alma!”

Segue-se a descrição pormenorizada dos últimos momentos de vida dos emissários macaenses e do seu sacrifício na Colina dos Mártires em Nagasáqui.

AS TREZE TESTEMUNHAS

Depois de terem enfrentado tufões, a fúria dos ventos e a braveza dos mares, as treze testemunhas atingiram Macau a 20 de Setembro de 1640. A municipalidade reuniu-se de imediato no dia da chegada, com a presença do capitão-geral, D. Sebastião Lobo da Silveira, e do governador do Bispado, Frei Bento de Cristo. Todas as testemunhas juraram que os mártires o tinham sido por confessarem a sua fé.

A Cidade sentiu profundamente a notícia, mas festejou a coragem de que tinham dado provas. Durante vários dias houve luminárias pela cidade, salvas de peças de artilharia, repique dos sinos, som de charamelas e de outros instrumentos musicais, missas em acção de graças e festas profanas.

O PROCESSO INFORMATIVO

Este processo incluiu o rol e a respectiva identificação dos sessenta e um membros da “missão especial” que tinham sido executados em Nagasáqui, e a inquirição às treze testemunhas, cuja vida fora poupada para contarem em Macau o que tinham presenciado no arquipélago, sobre as causas que tinham levado à morte dos mártires. Todas admitiram que, por três vezes, tinha sido proposto aos embaixadores e aos restantes companheiros, como último recurso, que a vida lhes seria poupada se renegassem a fé em Cristo, proposta que foi recusada sem excepção.²⁵

Pretendeu-se evidenciar que os sacrificados mereciam uma beatificação ou mesmo uma canonização. Mas este processo burocrático perdeu-se nos meandros do tempo.



António Francisco Cardim, “Relação da gloriosa morte de quatro Embaixadores Portuguezes, da Cidade de Macao...” in *Elogios, e ramallete de flores borrifado com o sangue dos religiosos da Companhia de Iesu, a quem os tyrannos do Imperio de Iappão tirarão as vidas por odio da Fê Catholica* (Lisboa, 1650).

III. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Embaixada Mártir tem o mérito de fazer ressuscitar um momento pouco conhecido da História de Portugal e de nos dar informação sobre ele, enquadrando, no espaço e no tempo, as razões dessa malograda missão diplomática.²⁶

O título remete para um dos objectivos do livro: relevar um facto histórico que testemunhava, na óptica de um historiador comprometido e empenhado na sua obra missionária, como era o caso de Benjamim Videira Pires, o entrosamento entre fé católica e presença portuguesa no mundo. Era, pois, natural que o autor, sacerdote jesuíta, tivesse procurado realçar os aspectos da fé e o valor da resistência à renegação da própria fé, mostrando como os ‘mártires’ do Japão, reuniam, numa perspectiva católica, as ‘chamadas condições para a canonização e beatificação’. Não obstante, o livro reflecte uma preocupação de objectividade e de

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

rigor, não distorcendo a realidade em nome de uma defesa acrítica e pouco científica da presença portuguesa nestas paragens; dá, sim, uma perspectiva positiva dessa presença, sem quaisquer intenções de falsos elogios ou panegíricos redundantemente fáceis.²⁷

Numa primeira fase, e como consequência decorrente do lucrativo comércio – a troca da seda chinesa pela prata nipónica –, que interessava quer a Macau, quer ao Japão, os mercadores portugueses e os seus missionários foram bem aceites, confirmando a observação do Pe. António Vieira de que “os pregadores levam o Evangelho e o comércio leva os pregadores”. Lançam-se, então, os alicerces da sua implantação. Mas o ambiente começou a ensombrar-se, devido não só às razões já apontadas, como também ao “contrabando de padres nos barcos de Macau que cruzavam de Manila a Nagasáqui”, circunstância que originou o “primeiro édito de expulsão de todos os varões portugueses, residentes no Japão, cujas filhas mulheres [foram] obrigadas a permanecer no País do Sol Nascente”.

Paralelamente há um nítido auxílio oficial aos comerciantes holandeses. Porquê esta aceitação dos holandeses? Segundo a nossa perspectiva, pelo facto de o holandês – o “inimigo da Europa” –, embora profundamente arreigado à sua crença calvinista, ter tido uma actuação, nesta zona do globo, exclusivamente norteada por interesses mercantilistas: ‘negócio é negócio,’ razão pela qual não foi de imediato objecto de rejeição pelo aparelho de estado nipónico. Aqui reside a principal diferença entre portugueses e holandeses. Os nossos mercadores dos séculos XVI e XVII eram intrinsecamente religiosos e incapazes de dissociar os seus interesses materiais da sua convicção católica.

A implementação e crescimento do Cristianismo parecem ter determinado uma maior mobilização de padres missionários para o Japão, que, naturalmente, eram transportados nos navios mercantes portugueses. Esta circunstância, reconhecida como causa do fortalecimento das convicções católicas na população local, foi determinante da decisão de fechar os portos do Japão aos portugueses, o que aconteceu em 1639.

Não serão estranhas ao descontrolo da situação outras circunstâncias que, embora indirectamente, contribuíram para a degradação das relações luso-nipónicas, como por exemplo o mau funcionamento relacional entre as ordens que se opunham aos jesuítas. Com efeito, a Ordem de Santo Inácio, por ter sido a primeira a sediar-se no Oriente, detinha um

conhecimento bastante profundo da realidade japonesa e actuava de acordo com ele.

Foi precisamente este, segundo a nossa óptica, o principal obstáculo à propagação da mensagem cristã no Japão: o cristianismo começou a implantar-se e a ter a adesão, não só das camadas populares, mas igualmente de estratos superiores da hierarquia política, pondo em causa relações de poder existentes no império. Todo este contexto se enquadra num momento de instabilidade social e de lutas internas, constituindo a mensagem desta religião do Ocidente mais um motivo de desestabilização. Deste modo, o xogunato, sentindo-se ameaçado, tem consciência de que era preciso eliminá-la, gerando a partir de determinado momento, uma reacção anticristã que acabou por se converter numa reacção antiportuguesa.

No entanto, e apesar disto, constata-se a permanência, até aos nossos dias, de uma comunidade cristã “que nem os tiranos, nem a falta completa de sacerdotes, nem os séculos conseguiriam aniquilar.”²⁸

No seu artigo “Presença da cultura portuguesa no Japão”²⁹, Benjamim Videira Pires afirmou que “as fracas relações entre Portugal e o Japão, nos últimos três séculos, ressentem-se da decadência de Portugal como potência asiática e da falta em Macau de uma instituição que substitua e emule a acção científico-religiosa da antiga Missão do Padroado Português, em todo o Extremo Oriente”. Sempre presente, por conseguinte, no seu espírito – dada a *circunstância* do ambiente familiar de grande peso católico e da sólida formação intelectual que adquiriu –, a preocupação de relevar a importância civilizacional que o Ocidente expandiu por todo o globo, alterando, em muitos caos, o curso da História, e do papel que Portugal desempenhou nessa transformação.

Como advertiu o historiador francês Henri Marrou, no seu ensaio *Comment comprendre le métier d'historien*,³⁰ não se improvisa um historiador, como não se improvisa um físico ou um botânico, exigindo a dignidade de fazer história que esta não seja feita por amadores. À profunda cultura geral, humanística, é necessário aliar uma autêntica cultura histórica. Benjamim Videira Pires reúne, enquanto historiador, as duas componentes.³¹

O livro *A Embaixada Mártir* é, assim, um valioso contributo não só para a história das relações entre Portugal e o Japão, como também para um maior entendimento do conceito de vida dos portugueses de Seiscentos. **RC**

NOTAS

- Sobre la razón histórica*, p. 86.
- Figuras de Jade: Os Portugueses no Extremo Oriente*, de António Aresta, pp. 23-25.
- P. Benjamim Videira Pires, Meu Irmão*, de P. Francisco Videira Pires.
- Ibidem*, pp. 17-18.
- Ibidem*, pp. 20.
- Benjamim Videira Pires foi o fundador do Instituto D. Melchior Carneiro, uma importante instituição de ensino de Macau. Ainda está por estudar a sua intervenção política no pós 25 de Abril, em Macau, onde foi activo jornalista no periódico *Confluência – Doutrina e Informação*, da ADIM (Associação de Defesa dos Interesses de Macau.) Em *P. Benjamim Videira Pires, Meu Irmão*, diz o autor, seu irmão: “... pelo que sei da sua colaboração, no quinzenário *Confluência*, durante dois anos e de que possuo dois volumes brochados, bem mereciam antologia, ao menos dos que não perderam actualidade. [...] O *Confluência* revelou uma face inédita do P. Benjamim, o humorista. Um humorismo diluído em símbolos e alegorias, que são, as mais belas, pequenas jóias literárias, sempre anónimas (pp. 56-57). Na Biblioteca Nacional de Lisboa existem apenas o n.º 1, de 27 de Março '75; o n.º 2, de 3 de Abril '75; o n.º 3, de 10 de Abril '75; o n.º 4, de 17 de Abril '75; o n.º 5, de 23 Abril '75; o n.º 6 (Número Especial), de 25 Abril '75; e o n.º 7, de 6 de Maio '75, muito longe, por conseguinte, dos “dois volumes brochados” acima referidos, o que inviabiliza uma pesquisa sobre o seu pensamento político.
- A Embaixada Mártir*, editada pela 1.ª vez, em 1965, pelo Centro de Informação e Turismo de Macau, e em poucos anos esgotada, foi reeditada em 1988 pelo Instituto Cultural de Macau, beneficiando, segundo o autor, de “uma profunda revisão e leves reajustamentos”. Anexos aos prédios muralhados do Colégio, havia a igreja de Nossa Senhora do Amparo para os chineses e, depois de 1728, o Seminário de S. José, casa-mãe da vice-província da Companhia de Jesus na China, in *A Embaixada Mártir*, p. 14. O autor refere o contributo de D. Melchior Carneiro, S. J., que chegou a Macau em 1568, na fundação da Santa Casa da Misericórdia, de dois hospitais, S. Rafael e S. Lázaro, bem como do Senado da Câmara, e o do “grande Visitador Alexandre Valignano”, que adquiriu o monte, fortificado após os primeiros ataques dos holandeses no início do século XVII.
- Em 1571 chegava à baía de Nagasáqui uma Nau do Trato, capitaneada por Tristão Vaz da Veiga. A Nau do Trato também era conhecida por navio negro, ou *curofune*, devido ao revestimento do casco em alcatrão.
- In *Cartas que os Padres e Irmãos da Companhia de Jesus escrevem dos reynos de Japão & China* (Évora, 1598, I, p. 253), *apud* Benjamim Videira Pires, *A Embaixada Mártir*, p. 18. Luís de Almeida foi um famoso médico jesuíta que introduziu no arquipélago a medicina europeia, fundando em Oita, com a sua fortuna, adquirida no comércio antes de entrar na Companhia de Jesus, os primeiros hospitais. In *Cartas*, I, 253, *apud* Benjamim Videira Pires, *A Embaixada Mártir*, p. 18.
- A doação contemplava, além da povoação, as terras e campos que a rodeavam, e vários privilégios, como a designação ou substituição do “Capitão do dito lugar”, o exercício de jurisdição criminal – fazer justiça e poder matar quem quebrasse a lei, para o bom governo da terra –, e o tributo pago pela nau do Trato durante o tempo de permanência no porto de Nagasáqui. Para firmar estes propósitos, a doação seria assinada por si e por seu filho Sancho.
- Em 1587, o xógum Toyotomi Hideyoshi, o “taicoçama” das cartas anuas dos jesuítas, confiscou os três feudos dos jesuítas – Nagasáqui, Mogui e Uracami – e encerrou as igrejas católicas. Iniciou-se a primeira perseguição sangrenta, provocada pelo comportamento de mercadores e frades espanhóis vindos das Filipinas, tendo sido crucificados 26 mártires em Nagasáqui.
- Benjamim Videira Pires, *A Embaixada Mártir*, p. 28. 1602 é a data da fundação da feitoria de Hirado. Em 1603, o xógum Tokugawa Ieyasu, o “daifuçama” dos missionários, autorizou a existência da igreja católica em Nagasáqui, Osaca e Quioto, havendo igrejas destinadas ao clero nativo; Franciscanos, Dominicanos e Agostinhos, vindos das Filipinas, tinham também na cidade igrejas e conventos. Mas em poucos anos o clima escureceu, verificando-se várias apostasias, como a de D. Sancho, de Omura, e as execuções de três samurais de Arima, testemunhadas por um vasto número de fiéis, cantando e rezando, o que foi considerado um desafio ao poder do xogunato.
- “Transcreve-se a lista dos mártires conhecidos desde 1614 a 1621: em 1614, treze pessoas; outras 13, em 1615; de novo treze, em 1616; vinte, em 1617; 68, em 1618; 88, em 1619; 17 em 1620; vinte em 1621; e 132, em Nagasáqui, no ano seguinte. Segundo os melhores cálculos, no período das maiores perseguições (1614-1640), houve, por todo o Japão, o máximo, cinco mil a seis mil mártires. Não entram no cômputo as 17 000 mulheres e crianças que foram executadas, no dia 15 de Abril de 1638, no castelo de Hara (Arima), por não quererem abjurar da fé. Estas, pelo menos – já que talvez não os seus maridos e parentes do sexo masculino (cerca de 20 000), combatentes por um objectivo justo mas terreno – foram verdadeiramente mártires.” In *Benjamim Videira Pires, A Embaixada Mártir*, p. 33.
- Ibidem*, p. 36.
- História do Futuro*, Livro II, Capítulo VI.
- O incumprimento deste compromisso pelos mercadores portugueses, que, por sua vez, responsabilizavam os comerciantes de Cantão de faltar aos contratos de fornecimento da seda estabelecidos na época anterior, criou desconfiança. Como represália, os nipónicos determinaram que a carga e o capitão-mor das galeotas ficariam como reféns, enquanto os devedores não pagassem as suas ‘respostas’. Em 1632 foi apreendida uma carta do frade agostinho Francisco da Graça, infiltrado no Japão através de Manila, com o nome dos portugueses que o auxiliaram a evitar ser descoberto e preso. Este facto foi abafado com o pagamento de 28 000 taéis pelo feitor de Macau; uma outra carta, de 1621, do dominicano belga beato Luís Froryn para o capitão-mor Jerónimo de Macedo pedindo-lhe que o libertasse da prisão de Hirado onde se encontrava também o frade agostinho Pedro de Zúñiga, provocou grande perseguição, tendo os dois frades sido martirizados. Macedo ficou preso em Omura até à morte, embora livre para o comércio. Em 1635, um português foi queimado vivo por ter levado uma carta de um clérigo japonês, Paulo dos Santos, residente em Macau, exigindo o pagamento de uma dívida de um seu compatriota. O governador do Bispado desterrou-o para a Indochina. Duarte Correia, amigo dos jesuítas, foi queimado em lume lento em 1639, depois de dois anos de prisão em Omura por ter transportado prata do Japão, que pertencia ao agostinho japonês, Fr. Tomás de S. Agostinho, para lha entregar na China. Em conclusão, os japoneses estavam convictos de que, através dos comerciantes portugueses, entrava dinheiro e sustento para os missionários do Japão (*A Embaixada Mártir*, p. 43). O relato desta sangrenta ocorrência, que terminou em 1638, foi-nos descrito pelo português “Duarte Correia, preso no cárcere de Omura [...], cujos informadores eram todos japoneses (e a grande maioria certamente pagãos) e portanto dignos de crédito”. Nesta ocorrência, de contornos económicos devido ao peso dos impostos, “os rebeldes usaram, sem dúvida, por falta de outras, bandeiras religiosas com inscrições portuguesas, como ‘Louvado seja o Santíssimo Sacramento’ e gritavam os nomes de ‘Jesus’, ‘Maria’ e ‘São Tiago’, quando investiam contra o inimigo”, o que foi entendido como mais uma manobra dos cristãos contra o poder do xogunato. Esta revolta, sangrenta, terminou em 1638.

BENJAMIM VEIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

- 18 Sentença imperial: “Capitullos: 1. Sabendo muito bem que El-Rey tem prohibido rigurosamente em todo o Japão a ley christãa, sem embargo disso, mandaram até agora às escondidas pregadores da mesma lei a estes reinos.
2. El-Rey castiga com a pena de morte os christãos que unidos entre ssi inventão e tramam maldades e couzas fora de rezão.
3. Deram e mandaram de seus reinos sustentação aos Padres christãos que estão escondidos em Japão.
Por ser verdade o contheudo nos tres capitullos asima (.) prohibe e manda El-Rey que daqui por diante não aja mais esta viagem e comercio, e que se (.) sem embargo deste mandado e prohibição (.) mandarem navios a Japão (.) não só serão destruídos os mesmos navios, mas tambem todas as pessoas que nelles vierem serão castigados com pena de morte. Tudo o asimo dito hé ordem e mandado expresso d’El-Rey. Oje coatro de Agosto de mil seissentos trinta e nove anos.
Canga no Cami – Sanuqui no Cami – Vouoi no Cami – Camon no Cami – Izu no Cami – Tçuxima no Cami”. In *A Embaixada Mártir*, p. 50.
- 19 O Conselho Geral do Senado da Câmara reuniu a 13 de Março de 1640.
A Fazenda Real negou colaborar com metade das despesas, devido à enorme dívida (perto de 400 000 taéis) de Macau ao Japão, o que levou os vereadores a decidir nada fazer; mas em nova reunião a 18 de Maio conseguiu-se obter 6000 taéis, de empréstimos dos mandarins, de penhores e de crédito da cidade, e eleger quatro chefes da missão, com largos poderes de decisão, entre os cidadãos mais ilustres: Luís Paes Pacheco, Rodrigo Sanches de Paredes, Gonçalo Monteiro de Carvalho e Simão Vaz de Pavia. Como se tinha consciência do perigo que a missão envolvia, foram escolhidos somente cristãos baptizados para membros da missão, pelo que alguns tiveram de receber o baptismo à pressa. Acreditava-se que estariam, assim, mais preparados para, em caso extremo, enfrentarem a morte.
- 20 “... ouverão de ser condenados à morte todos os que neste navio vierão sem ficar pessoa alguma; contudo o navio seja queimado e todos os principais e cabeças degollados com os que os acompanharão. Mas pera que em Macau e em seus reinos dem noticia do acima ditto, se dê vida a alguns dos criados e gente vil, e se tornem a mandar a Macao. E se por algum cazo daqui em diante mandarem algum navio

- a Japão, saiba-se de certo que a qualquer porto que chegar (.) serão logo todos mortos. Aos 3 da 6.ª lua da era Quanyei, (isto é) aos 21 de Julho de 1640.
Camono Cami – Sanoquino Cami – Izuno Cami – Vouoino Cami – Cangano Cami – Bungono Cami – Tçuximano Cami”. in *A Embaixada Mártir*, p. 63.
- 21 *Ibidem*, p. 64.
22 *Ibidem*, p. 65.
23 Manuel Fernandes de Abreu, português de Buarcos, piloto do barco de regresso; Domingos de Quadros, de Macau, cirurgião; Manuel Cardoso, de Macau, tucão ou mocadão dos marinheiros; João Delgado, de Goa, escrivão; José da Silva, de Ragão, Bengala; Gonçalo Cardoso, de Macau; Pascoal Pires, chinês de Macau; Brás Pereira, de Macau; António Fernandes Torga, de Macau; João Pereira, de Diu; Miguel Teixeira, de Goa; Miguel Carvalho, coreano, natural de Macau; Agostinho do Rosário, de Goa. *Ibidem*, p. 72.
24 *Ibidem*, p. 90 (“Treslado da Petição”).
25 “... antes perguntarão assy aos ditos quatro embaixadores como a todos os mais nomeados no dito Rol se querião deixar a fee lhes darião Vidas, e todos elles Unanimes có muita alegria, e constancia, E valor disserão por tres vezes q’ [antes] querião Morrer pella fee de Christo que professavão que deixala, o q’ ouvindo os ditos Tyranos não só mandavão degolar a todos, mas ainda queimar a ditta embarcação enq’ lá forão có tudo o q’ hia nella ...”. *Ibidem*, p. 92.
- 26 Celina Veiga de Oliveira, “Morra o corpo e viva a alma”, in *Revista de Cultura*, n.º 4 (1988) p. 120.
27 *Ibidem*.
28 *A Embaixada Mártir*, 31.
29 “Presença da cultura de Portugal no Japão, in *Presença Portuguesa no Extremo Oriente*, p. 30.
30 Henri-Irénée Marrou (1904-1977), “Comment comprendre de métier d’historien?”, in Charles Samaran (ed.) *L’Histoire et ses méthodes*, pp. 1465-1540.
31 Bastava a sua obra *Os Extremos Conciliam-se (Transculturização em Macau)*, considerada por muitos a sua obra-prima, para comprovar os profundos conhecimentos de Benjamim Videira Pires, S. J., no domínio da História, da Filosofia, das religiões, das ideias, da cultura oriental, com relevo especial para a cultura chinesa, e da História de Macau e das suas gentes.

BIBLIOGRAFIA

- Amaro, Ana Maria. *Introdução da Medicina Ocidental em Macau e as Receitas de Segredo da Botica do Colégio de São Paulo*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1992.
- Aresta, António. *Figuras de Jade: Os Portugueses no Extremo Oriente*. Lisboa: Instituto Internacional de Macau, 2014.
- Boxer, Charles. *O Grande Navio de Amacau*. Macau: Fundação Oriente/Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1989.
- Cartas que os padres e irmãos da Companhia de Jesus escreveruero dos Reynos de Iapão & China aos da mesma Companhia da India, & Europa, des do anno de 1549 até o de 1580*. Apresentação de José Manuel Garcia. 2 vols. Maia: Castoliva, 1997.
- Oliveira, Celina Veiga de. “Morra o corpo e viva a alma”. *Revista de Cultura* n.º 4, Jan./Fev./Mar., Macau, 1988 .
- e Barreto, Luís Filipe. *O Encontro Luso-Nipónico*. Macau: Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1994.

- Ortega y Gasset, José. *Sobre la razón histórica*. Madrid: Alianza Editorial, 1983.
- Pires, S. J., Benjamim Videira. *A Embaixada Mártir*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1988.
- . “Presença da cultura de Portugal no Japão”, in *Presença Portuguesa no Extremo Oriente*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1986.
- Pires, S. J., Francisco Videira. *P. Benjamim Videira Pires, Meu Irmão*. Macau: Instituto Internacional de Macau, 2011.
- Samarran, Charles. L’Histoire et ses méthodes (*Encyclopédie de la Pléiade*, Vol. XI) Paris: Gallimard, 1961.
- Sande, S. J., Duarte de. *Diálogo Sobre A Missão dos Embaixadores Japoneses à Cúria Romana*. Prefácio, tradução do latim e comentário de Américo da Costa Ramalho. Macau: Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses/Fundação Oriente, 1997.

BENJAMIM VEIDEIRA PIRES, SJ: IN MEMORIAM

Subindo no Céu do Oriente

JORGE DE ABREU ARRIMAR*

Em 8 de Julho de 1995 o jornal *Tribuna de Macau* dedicou uma página inteira ao Pe. Benjamim Videira Pires que, nesse ano, a 30 de Outubro, faria 79 anos de vida e 47 anos de permanência em Macau.¹ Também a Biblioteca Central participou com a organização de uma Exposição Bibliográfica, cuja abertura contou com a presença do homenageado, já com a saúde visivelmente depauperada, pois estivera internado num Hospital de Hong Kong, de 17 de Maio a 3 de Junho, desse mesmo ano. Penso que o desgaste visível da sua saúde terá levado algumas pessoas e instituições de Macau a homenageá-lo um ano antes de completar 80 anos. Para essa página do jornal *Tribuna de Macau* foram convidados alguns investigadores e amigos seus a participarem com textos inéditos. Eu fui um deles, contribuindo com um artigo de pendor biográfico, intitulado “Pe. Benjamim Videira Pires: de Mirandela a Macau”.² Com base neste artigo, noutros que, entretanto, autores diversos foram escrevendo sobre o mesmo tema e, também, em algumas memórias que conservo do relacionamento que tive com o homenageado, escrevi este texto menos formal, mais solto e até um tanto ficcionado. Ficcionado, porque parte desta narrativa foi concebida a partir da

interpretação dos seus poemas, utilizando-os como opiniões, sentimentos, apreciações do seu autor sobre o que via.³

O Pe. Benjamim Videira Pires inicia a grande viagem da sua vida a 7 de Novembro de 1948, a bordo do navio *Kertosono*. Chega ao destino nos finais do mesmo mês e encontra Macau limpo de névoas, de cortinas soltas por uma brisa que só é fresca neste período de tempo que vai de Setembro a Novembro, a melhor época para se chegar, sobretudo se se partiu da Europa, sem se conhecer tanto calor encharcado de humidade. Com 32 anos completados no final do mês anterior, a melhor prenda de aniversário que poderia ter recebido foi a longa travessia que termina agora, no porto da cidade do nome de Deus na China. Mas se esta viagem acaba agora, outra em breve irá começar, a viagem que realmente interessa, até ao final da vida, mais intensa, mais profunda, e que o levará a descobrir não só novas terras, mas sobretudo novas gentes, novas culturas, num rumo novo que traçará a sua realização como homem.

Da amurada do *Kertosono* que se vai aproximando, um passageiro observa tudo através dos seus óculos de armação grossa, deixando-se perder nas lonjuras, em cogitação. Talvez imagine o que vai encontrar, que tarefas irá desempenhar... Sabe, porque é um estudioso, que os tempos que correm não são tranquilos, pois ainda se fazem sentir naquela região do sul da China, na extensa foz do rio das Pérolas, as réplicas do tufão que foi a Guerra do Pacífico. Já se informara de que milhares de refugiados tinham entrado em Macau durante o conflito e que muitos ainda se mantinham

* Doutorado em História Moderna (2007) e em Ciências Documentais (2013). Exerceu o cargo de director da Biblioteca Central de Macao (1988-1998) e desenvolveu uma intensa actividade cultural, nomeadamente nas áreas da História e da Literatura. Reside em Portugal e é docente de História e Ciências Documentais.

Ph.D. in Modern History (2007) and Library and Information Science (2013). He served as director of the Central Library of Macao (1988-1998) and developed an intense cultural activity, both in areas such History and Literature. Currently he lives in Portugal and lectures History and Library and Information Science.